

O espetáculo mais triste da Terra: o incêndio do Gran Circo Norte-Americano

Diogo Zomer Perin^I

O livro tem como tema uma das maiores tragédias circenses no Brasil, o incêndio do Gran Circo Norte-Americano acontecido em dezembro de 1961 em Niterói no Rio de Janeiro. Mauro Ventura, jornalista de formação, descreve o fato a partir de histórias de vida e suas memórias. Para a realização do livro foram entrevistadas em torno de 150 pessoas, incluindo a família Stevanovich, proprietária do Gran Circo Norte-Americano na época.

O livro divide-se em trinta e dois capítulos e já na sua introdução, Ventura elenca fatos históricos considerados relevantes pelo autor para o Brasil e para o mundo no ano de 1961, chegando ao fatídico dia de 17 de dezembro, na então capital do Rio de Janeiro, a cidade de Niterói. “A catástrofe em Niterói é até hoje a maior tragédia circense da história [...]. Oficialmente, o prefeito estabeleceu em 503 o número final de mortos, mas a contabilidade real nunca será conhecida.”^{II}

Sobre o assunto tratado pelo livro, seguem algumas informações que contextualizam o acontecimento. O fogo teve início próximo na entrada do circo, queimando de baixo para cima. Os trapezistas foram os primeiros a dar o alerta, no momento de sua apresentação. Teve início o tumulto, e as pessoas ficaram desesperadas com o incêndio, que se alastrou rapidamente. Boa parte do público direcionou-se para o local da entrada do circo, criando uma espécie de gargalo, de onde muitos não escaparam. Outras pessoas fugiram por debaixo da lona, e também por buracos abertos por canivetes. Os artistas buscaram a saída atrás do picadeiro, local menos conhecido do grande. Uma das saídas inusitadas foi criada pela elefanta Semba que disparou e abriu um buraco na lona, por onde muitas pessoas puderam escapar.

A lona “[...] era altamente inflamável, de rápida combustão. Um espectador que inadvertidamente jogasse uma ponta de cigarro na lona impermeável poderia causar estragos.”^{III} No entanto, não foi possível estabelecer com exatidão a origem do fogo, sendo levantadas algumas hipóteses. As locomotivas que soltavam faíscas passavam próximo ao local da instalação do circo ou fábrica Zimotérmica que também desprendia fagulhas da queima do lixo. A demissão de um funcionário, que devido a sua baixa produtividade havia sido desligado do circo, e em função disso fez ameaças. Ainda, considera-se a possibilidade de um curto circuito devido às más instalações elétricas.

Diante do incêndio, a mobilização da população foi enorme. Houve muitas doações. Carpinteiros trabalharam de graça na construção de caixões para os mortos, entre outras formas de ajuda que foram oferecidas. O então Presidente da República, João Goulart, visitou os feridos e segundo o autor do livro, ficou transtornado com a situação que presenciou.

Resenha recebida em 23/01/2015 e aprovado em 21/03/2015.

DIOGO ZOMER

Para piorar a situação o Hospital Antonio Pedro, hospital público de Niterói estava fechado há 20 dias devido a reivindicação de 150 estudantes de medicina que assumiram o hospital como uma forma de protesto ao descaso e falta de investimento do poder público municipal, reivindicavam a intervenção federal e a transformação em hospital-escola da Faculdade Fluminense de Medicina. “Os salários estavam atrasados, faltavam comida, remédios e leitos. Não havia seringa para aplicar injeção, agulha para dar ponto, gaze para fazer curativo. Famílias tinham que comprar chapas se quisessem que seus parentes fizessem raios X.”^{IV} Devido a gravidade do ocorrido, o hospital foi reaberto e médicos assumiram a sua direção com o apoio do prefeito.

Médicos e estudantes de medicina que prestaram atendimento as vítimas da tragédia não tinham experiência em lidar no tratamento de tantos queimados. O médico Ivo Pitanguy ganhou notoriedade ao aplicar seus conhecimentos de cirurgias plásticas, tendo sido pioneiro nas aplicações de enxertos de pele e demais tratamentos com os feridos de queimaduras do incêndio do circo. Ventura problematiza os méritos atribuídos a este profissional, trazendo depoimentos de outros médicos, que inclusive, questionavam seu envolvimento e atuação no episódio, dizendo que Ivo Pitanguy ia ao hospital somente para fazer foto, e que havia toda uma equipe por trás, os que colocavam a mão na massa.

As vítimas da tragédia receberam doações de sangue da Itália, enxertos de pele vieram dos Estados Unidos da América e uma comissão de médicos especialistas em queimados veio da Argentina para auxiliar no tratamento dos feridos. A comoção foi imensa diante da tragédia ocorrida, estendendo-se da dimensão local a internacional, como descrito.

Um destaque dado pelo livro é a ação de Maria Pérola Sodré na recuperação dos pacientes no hospital, ela era Chefe dos Escoteiros do grupo Gaviões do Mar. Incentivou os escoteiros a prestarem sua solidariedade aos pacientes, realizando atividades como hasteamento de bandeira, jogos, com música e, inclusive tendo criado o Grupo de Escoteiros Antonio Pedro, composto por crianças feridas no incidente. Maria Pérola era professora e, como o incêndio ocorrera no período de férias escolares, pôde se dedicar em tempo integral aos feridos no hospital, estendendo este cuidado mesmo com o início das aulas, tendo deixado o hospital apenas quando o último ferido recebeu alta.

José Datrino, mais conhecido como “Profeta Gentileza”, diz que recebeu um chamado e que deveria largar a vida material e viver a vida espiritual. Segundo o autor foi ao se dar conta da tragédia acontecida no circo que Datrino recebeu esse chamado, deixou a família e sua pequena empresa, e foi pregar a gentileza entre as pessoas. Passou a morar no terreno onde acontecera o incêndio. Ventura desmente o mito de que José Datrino havia perdido a família no incêndio. O livro aponta para sua atitude que, a priori, fora dimensionada como um acesso de loucura, mas que o passar do tempo ganhou o respeito e a admiração da população. A notoriedade do Profeta Gentileza / José Datrino foi documentada também em duas diferentes canções, homônimas, intituladas “Gentileza”, gravada pela cantora Marisa Monte, e outra de autoria e interpretação de Gonzaguinha.

Outras duas canções foram gravadas referentes ao trauma deixado por este grande incêndio. Teixerinha, em 1961, gravou “Tragédia no circo” em uma letra longa e pesada, como classifica Ventura. A dupla sertaneja Garrancho e Graveto lançaram em 1964 a música de nome quase igual, intitulada “Tragédia do circo”, também descrevendo o ocorrido.

DIOGO ZOMER

Em meio a um período que a comunicação era precária, as pessoas vagavam em busca de informações dos parentes e conhecidos, muitos desapareceram durante o incêndio e outros foram sepultados como indigentes. Quem teve papel importante na transmissão de informações foram os radioamadores, “operando na estação a céu aberto que instalaram do lado de fora do Antonio Pedro.”^V Graças a esta ação, o grupo de ajuda vindo da Argentina teve conhecimento do ocorrido, vindo ao Brasil prestar auxílio com a liderança do médico Fortunato Benaim.

Em virtude do grande número de mortos, as capelas de Niterói fizeram velórios coletivos e as vigílias aconteciam nas próprias casas. Inúmeros sepultamentos foram realizados, e um novo cemitério foi construído as pressas. As pessoas mais humildes foram sepultadas em caixões doados pelo governo e em covas rasas. Ninguém estava preparado para tamanha tragédia. A falta de recursos iniciais nos locais que foram acolhidos os feridos foram supridas por doações, as pessoas se sensibilizaram com a dor das famílias e dos pacientes. Empresas doaram parte de seu faturamento. Como afirma Ventura, o apoio ultrapassou divergências religiosas, incluindo o apoio da igreja evangélica ao Papa. Foram organizados jogos de futebol beneficentes, e juntamente “com as campanhas, a população levava seus estoques caseiros de açúcar, arroz, frutas, carne e medicamentos.”^{VI}

A investigação para descobrir a origem do incêndio continuava, e a pressa em apontar um responsável pela tragédia trouxe a condenação a Dequinha, ex-funcionário do circo, que supostamente após sua demissão prometera se vingar. Os depoimentos dos acusados não tinham muita lógica, confundiam-se e mudavam de versões. Dequinha confessou o crime, mas somente a polícia e o juiz que realizou seu julgamento pareciam ter essa certeza, conforme a narrativa do livro.

Ventura desenvolve o livro tendo por referências a vida de algumas pessoas, suas lembranças, que tornaram públicas as suas memórias. Os relatos estendem-se além do momento da tragédia, chegando ao cotidiano e experiências de quem perdeu a família, teve membros amputados ou teve que ficar no hospital passando por dolorosas trocas de curativos. Relata coincidências daqueles que chegaram a estar na fila para comprar os ingressos e desistiram de assistir ao espetáculo.

Ventura ressalta a importância da contribuição do Laboratório de História Oral e Imagem (Labhoi) da Universidade Federal Fluminense, especialmente através dos professores e pesquisadores Paulo Knauss e Ana Maria Mauad. O vídeo intitulado “O Incêndio do Gran Circus Norte-Americano”^{VII} produção deste Laboratório, trouxe inúmeras informações sobre esta tragédia, apoiando o registro desenvolvido no livro.

Mauro Ventura, nesta obra, problematizou memórias através de entrevistas, matérias de jornais e consulta a historiadores. Sua produção reuniu histórias de vida e experiências tematizadas pela tragédia comum vivenciada. O livro é fruto de dois anos de pesquisa e segundo Ventura começou a tomar forma a partir de seu encontro o professor Paulo Knauss. Dentre suas fontes estão as entrevistas que teve acesso por meio de acervo e também as que realizou pessoalmente e também por telefone, e e-mails; utilizou artigos, livros, periódicos, além de palestras frequentadas. Seu relato prescinde do ponto de vista da análise a referência teórico-metodológica, apoiando-se na descrição das fontes e relatos.

Notas

O ESPETÁCULO MAIS TRISTE DA TERRA: O INCÊNDIO DO GRAN CIRCO NORTE-AMERICANO

DIOGO ZOMER

^I Mestrando em História na linha de pesquisa Linguagens e Identificações pelo Centro de Ciências Humanas e da Educação FAED Programa de Pós-Graduação em História PPGH/UDESC.

^{II} VENTURA, Mauro. **O espetáculo mais triste da Terra: o incêndio do Gran Circo Norte-Americano**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 11.

^{III} VENTURA, Mauro. Op. Cit. p. 41.

^{IV} VENTURA, Mauro. Op. Cit. p. 93-94.

^V VENTURA, Mauro. Op. Cit. p. 201.

^{VI} VENTURA, Mauro. Op. Cit. p. 219.

^{VII} Disponível em <http://ufftube.uff.br/video/5NOUKXK9DB11/O-Inc%C3%A2ncio-do-Gran-Circus-Norte-Americano>. Acesso em 20 jan 2015.

Bibliografia

KNAUSS, Paulo. **A cidade como sentimento: história e memória de um acontecimento na sociedade contemporânea — o incêndio do Gran Circus Norte-Americano em Niterói, 1961**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 27, nº 53, p. 25-54 – 2007.